
INVADINDO TERRITÓRIOS E EXPLORANDO CORPOS: HERNÁN CORTÉS E LA MALINCHE

[Invading territories and exploring bodies: Héran Cortés and Malinche]

OLEGÁRIO DA COSTA MAYA NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Resumo: Assim como as terras invadidas do “novo” continente, o corpo feminino nativo é caçado e invadido como se fosse uma terra virgem para explorar e dominar. Em outras palavras, a violência contra o corpo feminino nativo se torna uma metáfora para o colonialismo e a imposição do patriarcado. Após uma discussão de como Hernán Cortés e Malinche são retratados na literatura espanhola da Idade de Ouro, e com base em uma discussão de arquétipos, malinchismo, dualidade e binarismo, tendo como base também a definição de Octavio Paz de chingar o ser chingado e a definição de Roland Barthes de ravishment, este artigo analisa como Malinche é representada em dois poemas, “La Malinche” por Claribel Alegría (1993) e “La Malinche” por Carmen Tafolla (1993), e na série da TVE Carlos, Rey Emperador (Dir. Oriol Ferrer 2015).

Palavras-chave: poesia; estudos de televisão; Malinche

101

Abstract: Similar to the invaded lands of the “new” continent, the native female body is preyed upon and stalked as if it were a virgin land to explore and to dominate. In other words, the violence against the native female body becomes a metaphor for both colonialism and the imposition of patriarchy. Following a discussion of how Hernán Cortés and La Malinche are portrayed in Spanish Literature of the Golden Age, and based on a discussion of archetypes, malinchismo, duality versus binarism, Octavio Paz's definition of chingar o ser chingado and Roland Barthes definition of ravishment, this paper analyses how Malinche is presented in two poems, “La Malinche” by Claribel Alegría (1993) and “La Malinche” by Carmen Tafolla (1993), and in the TVE series Carlos, Rey Emperador (Dir. Oriol Ferrer 2015).

Keywords: poetry; television studies; Malinche.

1. INTRODUÇÃO

Caravelas se aproximam das costas verdes dos “novos” territórios. Ainda que sejam manejadas por diferentes homens, de diferentes países, apenas uma força as impulsionam e não se trata do vento. É a cobiça. Para o explorador europeu, ou melhor, invasor europeu, o “novo” mundo é uma terra virgem esperando para ser dominada. Ainda que outras nações já habitem os “novos” territórios, e que outros europeus possam ter anteriormente aparecido em missões de reconhecimento, a terra é considerada virgem até que algum cristão tome posse dela em nome de seu rei. Imediatamente após a cruz ser erigida e a primeira missa ser realizada, os invasores europeus começam a buscar por prata e ouro. De forma análoga às terras invadidas, o corpo feminino nativo é observado e caçado como se fosse uma terra virgem a ser dominada e explorada. Em outras palavras, a violência contra o corpo feminino nativo se torna uma metáfora tanto para o colonialismo, como para a imposição do patriarcado. Tendo isso em vista, o objetivo desse artigo é analisar a representação do relacionamento de Hernán Cortés e La Malinche em dois poemas¹ e na série de televisão *Carlos, Rei Imperador* (CARLOS ..., 2015).

102

Por um lado, Hernán Cortés tem sido geralmente representado como um herói. É também o que aponta Winston Allin Reynolds (1957, p. 2), quem estudou a representação de Cortés em oito poemas épicos, setes baladas e dezessete diversos poemas do Século de Ouro Espanhol. Ele conclui que, em geral, Cortés foi

representado como um indivíduo extraordinário, um herói renascentista, [...] instrumento da vontade divina, selecionado e guiado pelos Céus para realizar uma missão iconoclasta e evangélica em um “mundo” governado por Satã (REYNOLDS, 1957, p.308, tradução minha)².

¹“La Malinche”, de Claribel Alegría (1993), e “La Malinche”, de Carmen Tafolla (1993). Os poemas originais e as traduções, de minha autoria, estão no Apêndice.

² “[...] depicted as an extraordinary individual, a Renaissance hero, [...] an instrument of Divine will, selected and guided by Heaven to perform an iconoclastic and evangelistic mission in a ‘world’ ruled by Satan” (REYNOLDS, 1957, p.308).

Como se pode ver, a representação de Cortés passa a ser imbricada de valores que justificam a ordem colonial. Nesse sentido, como aponta Reynolds (1957, p. 311), a poesia espanhola do século dezesseis fez coro às crônicas de conquista do México no sentido de tentar persuadir o então indiferente público espanhol da importância de toda empreitada colonial. Dessa forma, “os poetas do Século de Ouro conceberam um Cortés acima das paixões mundanas e tentações da carne” (REYNOLDS, 1957, p. 187, tradução minha)³. Seria apenas no século dezessete que dramaturgos começariam a explorar a temática das mulheres na vida de Cortés (REYNOLDS, 1957, p. 187).

Por outro lado, a figura de Malinche está cercada por controvérsia. Em primeiro lugar, ela é conhecida por diferentes nomes: Malinali, Malintzin, Malinche, e Doña Marina. Enquanto alguns autores entendem que Marina era a versão hispânica do nome Nahuatl, Malinali, outros afirmam justamente o contrário. Por exemplo, Frances Kartunen argumenta que:

Como Marina teria sido pronunciado por falantes de Nahuatl como Mali:nah, e tendo em vista que o sufixo honorífico –tzin seria pronunciado pelos espanhóis como –che, então, Marina seria em Nahuatl Mali:ntzin e retornaria ao Espanhol como Malinche (KARTUNEN, 2011, p.2, tradução minha)⁴.

Uma perspectiva semelhante é apresentada por outros autores, tais como Reynolds (1965, p. 425) e Sandra Messinger Cypess (2000, p. 33). Além da incerteza que paira sobre seu nome, também não há definição sobre o local de nascimento de Malinche. Enquanto alguns historiadores escreveram que ela era de Jalisco, outros argumentaram que ela nasceu em Painala ou Totiquipaque (REYNOLDS, 1965, p. 426). E Cypess (2000, p.33) menciona Oluta, Painala ou Jaltipán como possíveis locais de nascimento.

³ “[p]oets of the Golden Age apparently conceived the conqueror as being poetically above mundane passions of the flesh” (REYNOLDS, 1957, p.187).

⁴ “Marina would [...] have been pronounced by Nahuatl speakers as Mali:nah, and the Nahuatl honorific suffix –tzin was heard and pronounced by Spanish speakers as –che, so by back-formation, Nahuatl Mali:ntzin (from Spanish Marina) returned to Spanish as Malinche” (KARTUNEN, 2011, p.2).

São também incertas as condições em que Malinche cresceu, permitindo que se tornasse fluente tanto em Nahuatl como em Maya. Por exemplo, Francisco López de Gómara afirma que Malinche era de uma família rica de Jalisco e que ela foi posteriormente raptada (GÓMARA, 1943 apud REYNOLDS, 1965, p. 426). Em comparação, Bernal Díaz del Castillo argumenta que Malinche era filha de um líder tribal em Painala, e após a morte de seu pai, seguida do casamento de sua mãe com outro líder, ela foi doada como escrava (DÍAZ DEL CASTILLO, 1936 apud REYNOLDS, 1965, p. 427).

E, além das diferentes versões sobre a juventude de Malinche, os relatos de seu papel como tradutora e de seu relacionamento com Cortés são também controversos. Por exemplo, Cristina González Hernández (2002, p.55) comenta as diferentes formas que escritores espanhóis e *criollos* retrataram Malinche durante o período colonial. Enquanto ambos mencionaram o papel de Malinche em disseminar o Catolicismo nos “novos” territórios, os espanhóis enfatizaram a participação dela em momentos cruciais da conquista, tal como o massacre de Cholula.

De fato, Cypess (2000, p. 27) aponta que Cortés, Gómara e Bernal Díaz de Castillo reconhecem que Malinche advertiu os espanhóis sobre a emboscada em Cholula. Mas essa é provavelmente uma das poucas convergências entre os cronistas espanhóis a respeito de Malinche. Cortés, por exemplo, raramente mencionou Malinche em suas cartas ao rei Carlos V e, quando o fez, foi na posição subalterna de tradutora com o objetivo de referendar suas próprias palavras (CYPESS, 2000, p.26). De forma semelhante, Gómara reconheceu o papel que Malinche desempenhou como tradutora, mas omitiu qualquer referência a ela ser amante de Cortés (CYPESS, 2000, p. 31; REYNOLDS, 1965, p. 431)⁵. Díaz, entretanto, foi o único cronista a apresentar um relato detalhado de Malinche, tanto em relação a seu papel como tradutora, quanto a respeito do filho que ela e Cortés tiveram, chamado Martín (CYPESS, 2000, p. 28)

⁵ Apesar disso, Gómara faz referências às crianças de Cortés.

A dificuldade em encontrar informações precisas e a controvérsia que envolve Malinche podem ser explicadas em parte por ela não ter uma voz própria, ou seja, um relato escrito por ela própria contando a sua perspectiva da invasão e dos espanhóis. Como vimos, alguns cronistas evitam mencionar Malinche, enquanto outros a representam apenas como tradutora. Díaz é o único cronista espanhol a oferecer um relato um pouco mais explícito sobre Malinche como mulher, tradutora e amante de Cortés⁶. Ainda assim, o relato de Díaz não apresenta o discurso dela em primeira pessoa ou a visão de Malinche a respeito da invasão espanhola. Em outras palavras, Malinche ainda não tem voz própria⁷. Além disso, Reynolds (1965, p. 427), Cypess (2000, p. 28) e Julie Greer Johnson (1997, p. 161) apontam para a questão da influência de histórias de cavalaria na representação de Malinche, especialmente em relação a Díaz e as similaridades com Amadís de Gaula. De acordo com Johnson,

Doña Marina e Amadís são ambas de origem nobre e, enquanto crianças, são vítimas do abandono por parte de suas próprias famílias. Depois que os pais desaparecem – o pai de Marina morre e o de Amadís parte em uma jornada – ambas as mães, com o auxílio de servos ou escravos, abandonam suas filhas em segredo. [...] Ambas as crianças, Amadís e Marina, são criadas distantes de suas famílias originais e por pessoas com culturas também diferentes (JOHNSON, 1997, p. 162, tradução minha)⁸.

105

Como podemos ver, Malinche se tornou “um palimpsesto da identidade cultural Mexicana [...] onde os textos do passado coexistem com os do presente” (CYPESS, 2000, p. 5, tradução minha)⁹. Ou seja, Malinche atingiu um nível de

6 Enquanto Díaz fez parte das expedições de Cortés e teve, portanto, possibilidade de participar ou conhecer em primeira mão os eventos narrados, Gómara não tomou parte das expedições.

7 Margo Glantz (2001, p.159) parece ter uma posição diferente. Ela faz referência a uma passagem de Díaz em que os nativos chamavam Cortés de Malinche, e Glantz argumenta que houve uma troca simbólica de corpos entre Malinche e Cortés. Mas, na minha opinião, ainda que essa seja uma leitura interessante dessa passagem, o resto do texto de Díaz não necessariamente sugere o mesmo.

⁸ "Both Doña Marina and Amadís are of noble lineage, and the two children become victims of efforts to deny them their birthright. After the departure of their fathers, one dies and the other undertakes a journey, both mothers, with the aid of family servants or slaves, abandon their children in secret. [...] Both children, Amadís and Marina, are reared at some distance from their homes and by people whose culture is different from their own" (JOHNSON, 1997, p. 162).

⁹ “palimpsest of Mexican culture identity [...] where the texts of the past coexist within the present”(CYPESS, 2000, p.5).

representação mitológico, já que sua representação passa a ser imbricada com significados diferentes daqueles de seu contexto histórico e cultural¹⁰.

A perspectiva de Cypess ajuda a entender como diferentes representações de Malinche podem coexistir. De fato, Hernández (2002, p. 46), quem discute as diferenças entre as representações de Malinche por parte de espanhóis e *criollos*, argumenta que reinterpretar o passado foi a estratégia escolhida para criar um senso de coerência nacional em um território com diversas línguas, etnicidades e culturas. Kartunen apresenta uma perspectiva semelhante ao discutir a origem do *malinchismo*:

depois que o México se tornou independente da Espanha, seu papel como a grande conquistadora que trouxe a luz e salvação cristãs para os pagãos incultos foi alterado para a “amante de Cortés”, uma mulher que usou a própria sexualidade para atingir seus próprios objetivos (KARTUNEN, 2011, p. 6, tradução minha)¹¹.

Dessa forma, Malinche é representada pela elite mexicana pós-independência como uma traidora ou oportunista que cooperou com os invasores espanhóis. Porém, como afirma Kartunen, “é um clássico caso de se culpar a vítima” (2011, p. 6, tradução minha)¹². De fato, ainda que os relatos acerca de Malinche diverjam consideravelmente, Malinche como uma mulher nativa entre homens europeus provavelmente correria um risco considerável ao se negar a cooperar. Seria, portanto, injusto ou simplista considerá-la apenas como traidora ou oportunista. Além disso, a possibilidade de exercer algum poder ou agência viria justamente de explorar suas atípicas habilidades linguísticas, já que ela era fluente

¹⁰ Para uma análise de representação mitológica, ver minha dissertação de mestrado intitulada "XXX". Análise a representação de Che Guevara em dois filmes a partir da teoria de mito proposta por Roland Barthes (1991).

¹¹ “[a]fter Mexico broke away from Spain in the early 1800s, her role as la gran conquistadora who brought Christian enlightenment and salvation to the benighted heathens, was exchanged for that of ‘mistress of Cortés’, a woman who used her sexuality to achieve her own ends” (KARTUNEN, 2011, p.6).

¹² “[...] it’s a classic case of blaming the victim” (KARTUNEN, 2011, p.6).

em várias línguas nativas e conhecia o discurso aristocrático utilizado pela nobreza Mesoamérica, como aponta Kartunen (2011, p. 1).

Juana Armanda Alegría apresenta uma perspectiva complementar ao afirmar que “Malinche foi a única mulher [publicamente] importante durante a conquista do México, e em tal papel, ela merece ser reconsiderada. A História não tem sido justa com Doña Marina” (ARMANDA ALEGRÍA, apud CYPESS, 2000, p. 2, tradução minha)¹³. O protagonismo de Malinche, apontado por Alegría, foi provavelmente o motivo pelo qual sua figura foi, por um lado, marginalizada por alguns cronistas espanhóis e, por outro, associada à traição pela elite mexicana pós-independência.

Afinal, a figura de Malinche é múltipla – mulher, tradutora, nativa, amante – e resiste a simplificações. Como uma mulher em posição pública, com o poder advindo de suas habilidades linguísticas atípicas¹⁴, ela transgredia as normas socialmente construídas do espaço doméstico. Dual, ela era mãe e amante. Se, por um lado, ela foi tradutora e confidente de Cortés, por outro lado, ela soube se valer de seus conhecimentos linguísticos e de sua própria sagacidade para contornar a posição vulnerável de mulher nativa entre invasores europeus.

Porém, tal representação complexa era inconveniente. Mais fácil foi, portanto, silenciá-la. Logo, seu papel estratégico traduzindo entre Montezuma e Cortés foi marginalizado. E sua anterior dualidade de mãe-amante foi dividida para acomodar arquétipos binários de mãe versus amante. Não por acaso, Rita Lauro Segato (2010) discute mudanças bruscas da dualidade para o binarismo após invasões europeias. Ela argumenta que “no mundo moderno não existe dualidade; há binarismo. Se a dualidade implica complementaridade, o binarismo estabelece a

¹³ "La Malinche was the only important woman during the conquest of Mexico, and in that role, she deserves to be reconsidered. History has not been just to Doña Marina" (ALEGRÍA, apud CYPESS, 2000, p.2).

¹⁴ “sua tarefa requiriria poliglotismo e domínio do discurso aristocrático, a complicada forma de expressão usada pela nobreza Mesoamérica. Essas duas habilidades seriam pouco comuns em um jovem homem, mas elas teriam sido praticamente inexistentes em uma jovem mulher" (KARTUNEN, 2011, p.1, tradução minha).

substituição do outro, ao invés da complementaridade” (SEGATO, 2010, p.20, tradução minha)¹⁵.

Segato argumenta que a presença dos invasores europeus enfatizou os papéis masculinos nas sociedades tribais, uma vez que os conquistadores europeus – homens – negociavam questões de paz e guerra com os homens nativos (2010, p.17). Como resultado, as mulheres nativas passaram a ser confinadas à domesticidade e perderam poder. Uma perspectiva semelhante é apresentada por Gloria Anzaldúa (2012, p.49) ao discutir a fragmentação de Coatlicue. Essa entidade associada à fertilidade e à terra era dual por incorporar elementos positivos e negativos. Entretanto,

a cultura Azteca-Mexica, dominada pelo elemento masculino, perseguiu as entidades femininas, atribuindo a elas características monstruosas e substituindo-as por entidades masculinas, causando assim rupturas na identidade feminina e nas próprias entidades femininas (ANZALDÚA, 2012, p. 49, tradução minha)¹⁶.

Ao comparar as considerações de Segato com as de Anzaldúa, observa-se uma convergência. Enquanto Segato fala da passagem abrupta da dualidade para o binarismo, Anzaldúa trata da substituição do feminino pelo masculino e da cisão da identidade feminina. No caso do império Asteca, entretanto, o processo não foi iniciado pelos europeus. De acordo com Anzaldúa, “os espanhóis e a Igreja Católica [...] completaram a cisão iniciada pelos Nahuas ao tornar *la Virgen de Guadalupe/Virgen María* em virgens castas e *Tlazolteotl/Coatlicue/la Chingada* em putas” (2012, p. 50, tradução minha)¹⁷.

¹⁵ "En el mundo de la modernidad no hay dualidad, hay binarismo. Mientras en la dualidad la relación es de complementariedad, la relación binaria es suplementar, un término suplementa – y no complementa – el otro." (SEGATO, 2010, p.20).

¹⁶ “[t]he male-dominated Azteca-Mexica culture drove the powerful female deities underground by giving them monstrous attributes and by substituting male deities in their place, thus splitting the female Self and the female deities” (ANZALDÚA, 2012, p.49).

¹⁷ “the Spaniards and their Church [...] completed the split begun by the Nahuas by making *la Virgen de Guadalupe/Virgen María* into chaste virgins and *Tlazolteotl/Coatlicue/la Chingada* into putas” (ANZALDÚA, 2012, p.50).

Curiosamente, Dionne Brand (1995, p. 98) se refere a um par similar de símbolos ao comentar sobre arquétipos femininos binários utilizados por escritores masculinos na literatura caribenha. De acordo com Brand, o corpo feminino é reduzido a “maternal ou virginal, o que no final tem o mesmo sentido – como se os corpos femininos fossem terras a serem atravessadas ou possuídas” (1995, p. 99, tradução minha)¹⁸.

Ainda que as nomenclaturas empregadas por Anzaldúa e Brand não sejam iguais¹⁹, o efeito é semelhante: a fragmentação da identidade feminina e a introdução de um olhar externo. De fato, o olhar exterior do invasor contamina o olhar interior dos integrantes da tribo, acompanhado da objetificação dos corpos das mulheres e da introdução da ideia de pecado. Segato habilmente se refere a esse olhar do invasor como “o aspecto pornográfico do olhar colonial” (2010, p.18, tradução minha)²⁰.

Tanto a terra invadida, quanto o corpo feminino explorado são submetidos ao mesmo tipo de olhar pornográfico, representando uma interseção entre colonialismo e patriarcado. É por isso que Segato elege gênero como categoria teórica chave para analisar o colonialismo (2010, p. 12). De fato, a terra²¹ e o corpo feminino foram violados durante a “conquista” europeia – invasão. Nas palavras de Margo Glantz, as mulheres “são parte do espólio de guerra e os soldados as usam para suas necessidades diárias e domésticas, ou seja, comida e

¹⁸ “[...] either motherly or virgin, which amounts to the same thing – like land to be traversed or owned” (BRAND, 1995, p.99).

¹⁹ Os termos não são iguais, mas talvez seja um exagero dizer que sejam diferentes. Afinal, a virgem casta, discutida por Anzaldúa, é parecida com o arquétipo maternal discutido por Brand, enquanto que "puta", na argumentação de Anzaldúa, é tão sexualizada como a virgem pronta para ser possuída, criticada por Brand.

²⁰ “[...]esse carácter pornográfico de la mirada colonizadora” (SEGATO, 2010, p.18).

²¹ Curiosamente, Coatlicue é uma entidade associada à terra que foi mutilada, conforme discutido anteriormente. Ela é, portanto, a metáfora perfeita para as transformações causadas pela invasão europeia. E Coatlicue está relacionada também a Malinche através de *La Chingada*.

sexo” (2003, tradução minha)²². Tão devastadora é a violência de tal estupro simbólico e físico – da terra virginal e das virgens na terra – que ele passa a ser associado à expressão *chingar*. Octávio Paz (1961) explica em detalhes as nuances da expressão:

A palavra tem conotação sexual mas não é um sinônimo para o ato sexual: alguém pode chingar uma mulher sem de fato abusá-la fisicamente. E quando a palavra alude ao ato sexual, a violação e o engano dão à expressão uma nuance adicional. O homem que comete o ato nunca o faz com o consentimento da chingada. Chingar, então, é violentar alguém. O verbo é masculino, ativo, cruel: ele machuca, fere, marca. E ele provoca uma satisfação amarga, com ressentimento. A pessoa que sofre essa ação é passiva, inerte e aberta, em contraste com a pessoa ativa, agressiva e fechada que a comete. O chingón é o macho, o homem; ele fratura a chingada, a mulher, que é pura passividade, indefesa contra o mundo exterior (p.77, tradução minha)²³.

Paz é direto, quase brutal, na sua reflexão sobre a metáfora mexicana para a vida: *chingar* ou ser *chingado* (PAZ, 1961, p. 78). Essa metáfora é sintoma de como a violação da terra e do corpo feminino nativo assombram o povo mexicano ainda hoje²⁴. Outrossim, já que atingimos uma interseção entre sexualidade e poder, eu gostaria de discutir brevemente o conceito de *ravishment*²⁵. Barthes (1978) distingue entre o antigo mito conhecido como o Rapto das Sabinas – rapto

²² [the women] “belong to the spoils of war and soldiers make explicit use of them to satisfy their domestic and daily needs: food and sex” (GLANTZ, 2003).

²³ "The word has sexual connotations but it is not a synonym for the sexual act: one may chingar a woman without actually possessing her. And when it does allude to the sexual act, violation or deception gives it a particular shading. The man who commits it never does so with the consent of the chingada. Chingar, then, is to do violence to another. The verb is masculine, active, cruel: it stings, wounds, gashes, stains. And it provokes a bitter, resentful satisfaction. The person who suffers this action is passive, inert and open, in contrast to the active, aggressive and closed person who inflicts it. The chingón is the macho, the male; he rips open the chingada, the female, who is pure passivity, defenseless against the exterior world" (PAZ, 1961, p.77).

²⁴ Ainda que esse artigo enfoque elementos da cultura e da história do México, a discussão apresentada aqui pode ser relevante para outros países latino-americanos também.

²⁵ Optei por empregar o termo de Barthes (1978). No Inglês, *ravishment* traz uma ambiguidade que se empresta bem à comparação proposta por Barthes, já que pode significar tanto o rapto em si quanto à tomada do corpo pela emoção. Não encontrei um equivalente no Português que mantivesse essa ambiguidade. Por exemplo, "rapto" resolveria a ambiguidade em favor do mito antigo, com violência, excluindo a possibilidade de referência ao mito moderno, de amor enquanto paixão.

enquanto estupro – e o mito moderno, de amor enquanto paixão (p. 188). Por um lado, “no mito antigo, o raptador é ativo, ele quer capturar sua presa, ele é o perpetrador do estupro (do qual o objeto é a Mulher, como sabemos, invariavelmente passiva)” (BARTHES, 1978, p. 188, tradução minha)²⁶.

Curiosamente, o conceito de Barthes de rapto se aproxima da discussão de Paz sobre *chingar* em termos da justaposição entre violência e sexualidade. Por outro lado, no mito moderno de Barthes, de amor enquanto paixão, o amante é passivo, imóvel, feminino. Então, ainda que *ravishment* se refira à violência e as emoções que invadem o corpo, é possível concluir que o mito antigo, o que corresponde a *chingar* ou ser *chingado* nas palavras de Paz (1961), é a antítese do mito moderno de amor. Todavia, como o próprio Barthes observa, ainda subsiste a questão do poder no amor²⁷.

2. ANÁLISE DOS POEMAS

O primeiro poema a ser analisado é “La Malinche”, de Claribel Alegría²⁸ (1993, Apêndice). O poema começa com uma voz subjetiva feminina que está simbolicamente no banco dos réus e foi acusada de traição (ALEGRÍA, 1993, linhas 1 a 3)²⁹. Apesar da voz não se identificar, é possível inferir que se trata de Malinche pelo título do poema e pelo tema de traição. A metáfora do tribunal, reforçada pela acusação de traição, justifica o discurso do eu lírico como defesa daquela que fora acusada. Em outras palavras, o poema como um todo pode ser entendido como

²⁶ “in the ancient myth, the ravisher is active, he wants to seize his prey, he is the subject of the rape (of which the object is a Woman, as we know, invariably passive)” (BARTHES, 1978, p.188)

²⁷ Eu pessoalmente prefiro a perspectiva de amor enquanto companheirismo ou camaradagem, mas para esse artigo o conceito de *ravishment* parece ser mais apropriado por causa das características coloniais no relacionamento entre Cortés e Malinche.

²⁸ Poetisa nicaraguense nascida em 1924, ela fez parte da corrente literária conhecida como *la generación comprometida* (Informação acessada em poets.org).

²⁹ A numeração das linhas é a mesma tanto para os poemas originais, quanto para os poemas traduzidos. Procurei manter a numeração para facilitar a consulta.

Malinche se defendendo de acusações de traição à sua terra natal. De fato, o eu lírico diz que seu país é na verdade seu povo, mas que este a abandonou (ALEGRÍA, 1993, linhas 37 e 38). Para justificar essa perspectiva, o eu lírico conta a sua história, numa versão que se assemelha à de Bernal Díaz (ALEGRÍA, 1993, linhas 5 a 15). Como Amadís de Gaula, o eu lírico tem seu direito hereditário negado e é criado longe de sua terra natal e por pessoas estranhas. Além disso, ela é escravizada pela tribo que a cria e, posteriormente, é cedida aos homens brancos (ALEGRÍA, 1993, linhas 16 a 18). Parece que seu destino é passar de mãos em mãos, como espólios de guerra. E o poema é bastante explícito no que isso implica:

Quem dos meus veio em minha defesa
quando o primeiro branco me violou
quando fui obrigada
a beijar seu falo
de joelhos
quando senti meu corpo
e minha alma em frangalhos? (ALEGRÍA, 1993, tradução minha)³⁰.

Para usar a metáfora proposta por Paz, o eu lírico no poema corresponde à chingada, isto é, ela é o elemento passivo, desprovido de poder, que sofre violência e abuso. Além da violência que rasga a carne, há também a introdução de um olhar externo e sexualizado, causando a fragmentação do eu feminino – e da alma do eu lírico. Com seu corpo e alma em frangalhos, o eu lírico não pôde ser si mesma, ou seja, ela foi forçada a trair a si mesma (ALEGRÍA, 1993, linhas 30 e 31). E se seu corpo e alma estão fragmentados, e é impossível ser verdadeira consigo mesma, como pode o amor ser possível? Não pode (ALEGRÍA, 1993, linha 33). Ao invés do amor romântico, temos o que Barthes chamada de o

³⁰ “¿Quién de los míos vino a mi defensa
cuando el primer blanco me violó
cuando fui obligada
a besar su falo
de rodillas
cuando sentí mi cuerpo desgarrarse
y junto a él mi alma?” (ALEGRÍA, 1993).

mito antigo, o rapto das mulheres sabinas. Em outras palavras, rapto como violência, como estupro. Novamente, temos o eu lírico como a *chingada*.

E o eu lírico corresponde não apenas à voz de uma *chingada*, mas é a voz da *chingada*, ou melhor, de *La Chingada*. E o poema de Alegría atribui novo significado ao símbolo de *La Chingada*. Ao invés da traidora no *malinchismo*, temos agora uma mulher violentada, forçada à escravidão. Como resultado, mais ênfase é adicionada ao estupro simbólico e físico das mulheres nativas uma vez que Malinche não é apenas uma mulher mas, de certa forma, é uma alegoria para todas as mulheres nativas e mestiças. É por isso que o tom de indignação ganha ímpeto na parte final do poema até culminar com a reversão da acusação (linhas 36 a 42).

O segundo poema a ser analisado é “La Malinche”, de Carmen Tafolla³¹ (1993, Apêndice). E logo no início há uma diferença significativa em comparação com o poema anterior. O poema de Tafolla começa com a voz subjetiva se identificando como Malinche (1993, linha 1)³². E isso prenuncia uma diferença importante: a Malinche de Tafolla é mais consciente e parece ter mais agência que a Malinche de Alegría. Por exemplo, o eu lírico se dirige a Cortés e ironiza o projeto dele de compartilhar a “civilização” e de brincar de deus (TAFOLLA, 1993, linhas 15 e 16). De fato, o tom no poema de Tafolla é um pouco menos de indignação se comparado ao tom no poema de Alegría, e o eu lírico chega a rir ao ser chamada de *La Chingada* (TAFOLLA, 1993, linha 8).

O poema de Tafolla ainda pode ser considerado um exemplo de contra-argumento³³, no sentido de que dá voz à uma figura geralmente silenciada pela historiografia, mas o tom no poema de Alegría (1993) parece ser mais hostil, mais indignado, do que no poema de Tafolla (1993). Talvez, porque a Malinche de Alegría foi vítima de estupro e, como se isso não bastasse, ainda foi acusada de trair seu

31 Carmen Tafolla é uma escritora chicana de San Antonio, Texas, e uma professora na Universidade do Texas.

32 Assim como no poema anterior, a numeração das linhas é a mesma no poema original e na versão traduzida para facilitar a consulta.

33 Do Inglês *counter statement*.

povo. Além disso, a forma como o eu lírico no poema de Alegría fala sobre a criança em seu ventre pode levar a uma interpretação de que sua gravidez não foi desejada (1993, linhas 32 a 35). Em comparação, a Malinche de Tafolla diz que não foi estuprada (1993, linhas 27 e 56). Ao invés disso, ela é a amante de Cortés (TAFOLLA, 1993, linha 25) e mãe orgulhosa do filho resultante da relação (*Ibid*, linhas 48 e 49). Portanto, o poema de Tafolla indica a possibilidade do que Barthes chama de o mito moderno, de amor enquanto paixão.

Apesar de haver amor, a Malinche de Tafolla ainda se sente traída, ou pelo menos desapontada com Cortés por ele ter levado o filho deles para a Europa (*ibid*, 1993, linhas 48 a 50), o qual é um sinal de que o invasor espanhol ainda não enxergava o novo mundo, o mundo dos mestiços. Malinche, no poema de Tafolla, mostra-se consciente de seu papel como mãe da mestiçagem, um mundo híbrido que não é nem a Europa nem o Império Asteca. Há diversas referências a esse novo mundo (TAFOLLA, 1993, linhas 21 a 22, 31 a 34, 43 a 45, 60). E, no final, Malinche finalmente o alcança (*ibid*, 1993, linhas 59 e 60).

Outra questão interessante a ser apontada é a intertextualidade entre o poema da Tafolla (1993) e “Eu sou Joaquín”, de Rodolfo Corky Gonzales (1972). Além de ter um começo similar – “Yo soy la Malinche”; “Yo soy Joaquín” – ambos os poemas terminam com referências a *la raza*. Mas se o poema de Gonzales (1972) apresenta uma voz masculina e temporalmente mais próxima de nosso tempo, o poema de Tafolla traz a voz de Malinche, uma voz feminina, a mãe de todos os mestiços, inclusive de Joaquín. Além disso, deve-se observar também o uso que Tafolla faz do itálico para enfatizar certas palavras, tais como “chegou” e “outro mundo” (1993, linhas 59 a 60). Também se observa o efeito cascata criado por Tafolla ao justapor palavras em diferentes linhas (1993, linhas 19 a 22).

3. ANÁLISE DA SÉRIE DE TEVÊ

Primeiramente, a série da TVE *Carlos, Rey Emperador* (CARLOS, 2015) é uma grande realização em termos de narrativa e *mise-en-scène*³⁴. A série narra eventos em um período de cinquenta anos em diferentes regiões da Europa – Flandres, Castela, Portugal, Inglaterra, Roma e França – e do “novo” mundo – Cuba e Iucatã. Todos os diferentes personagens e narrativas paralelas são conectadas através do protagonista Carlos, o rei de Castela e Imperador Romano-Germânico. É particularmente difícil conectar eventos na Europa a eventos no “novo” mundo por causa da distância geográfica, a qual limitava a comunicação, e por causa das realidades distintas. É através das cartas e do ouro enviados por Cortés ao Rei, além das ordens enviadas no sentido contrário, que a série conecta as narrativas. E quanto a *mise-en-scène*, a atenção aos detalhes, especialmente em termos de figurinos e props³⁵, é um sinal da qualidade da produção.

Quanto à representação de Cortés e Malinche, a série mistura elementos das crônicas de Gómara e de Bernal Díaz. De forma análoga a Gómara, a série diminui a importância do papel estratégico de Malinche como intérprete. Por exemplo, no quarto episódio, Malinche auxilia brevemente Aguillar a traduzir entre o emissário de Montezuma e Cortés. Na verdade, Malinche não aparece traduzindo diretamente a Cortés, já que Aguillar é quem o faz. Ela apenas corrige um erro que Aguillar comete. Ainda na mesma sequência, o emissário pede que ela traduza uma mensagem ao chefe Tabasco. E essa é a única referência ao seu papel como intérprete na série inteira³⁶! Ainda sobre a questão linguística, nota-se também a transição nada sutil da língua nativa para o Espanhol por parte de Montezuma. Até

³⁴ De acordo com Bordwell e Thompson, *mise-en-scène* corresponde a "todos os elementos colocados em frente à câmera: os cenários e props, a iluminação, o figurino e a maquiagem, e o comportamento dos atores" (2008, p.479, tradução minha).

³⁵ De acordo com Bordwell e Thompson, "quando um objeto no cenário tem uma função narrativa, podemos chamá-lo de prop", o que é uma abreviação de propriedade, *property* em Inglês. (2008, p.117, tradução minha)

³⁶No mesmo episódio, Malinche avisa Cortés de uma rebelião iminente após ouvir alguns espanhóis conspirando em Espanhol. Os homens não sabiam que ela seria capaz de entender a língua. Esse episódio poderia ser entendido como uma forma de adaptação do papel de Malinche em prevenir Cortés a respeito da emboscada que estava sendo preparada para os espanhóis em Cholula.

o quarto episódio, Montezuma apenas se comunica na língua nativa. Porém, na primeira vez que Montezuma e Cortés se encontram, no quinto episódio, e em todos os encontros subsequentes, eles falam em Espanhol! Dessa forma, Malinche passa a ocupar um papel meramente decorativo. Esse é um detalhe importante porque priva Malinche do poder advindo de suas habilidades para enfatizar o poder oriundo do relacionamento com Cortés.

A série também apresenta intertextualidade com a crônica de Díaz. No sétimo episódio, Malinche é representada como a mulher de Cortés, como mãe, e como uma mulher poderosa. Ela aparece sentada em um trono, recebendo oferendas. Como se ela fosse uma rainha ou uma divindade, os nativos se aproximam, fazem reverências e oferendas. É então que Malinche se surpreende ao reconhecer a própria mãe entre os presentes. A mãe se prostra diante de Malinche e esta misericordiosamente perdoa sua mãe por abandoná-la. O perdão à mãe é uma passagem narrada por Díaz³⁷ que também reforça a similaridade com Amadis de Gaula. Além disso, a representação de Malinche enquanto uma mulher de caráter nobre é reforçada pela maneira como os homens de Cortés a tratam. Por exemplo, no sexto episódio, Aguillar pede permissão a Cortés para retornar a Castela. Cortés consente, agradece a Aguillar por seus serviços e o abraça. Aguillar, então, cumprimenta a Juan de Velázquez. Finalmente, Aguillar olha para Malinche, hesita por um instante, aproxima-se dela, segura a sua mão e se ajoelha, dizendo “Senhora”³⁸. Esse tipo de comportamento pode ser atribuído à influência das crônicas espanholas em retratar Malinche como uma mulher nobre.

Curiosamente, Malinche também é brevemente retratada como uma mulher selvagem. Na primeira sequência em que aparece, no quarto episódio, o chefe Tabasco oferece a Cortés vinte virgens. Entre as virgens, Cortés avista Malinche e ele a distribui para um de seus capitães, Portocarrero. Enfurecida,

³⁷ No relato de Díaz, Malinche viaja até sua terra natal e encontra sua mãe. Para mais informações sobre a crônica de Díaz, ver Reynolds (1965).

³⁸ No original, "*señora*" (CARLOS, 2015).

Malinche avança até Cortés e tenta esfaqueá-lo. Talvez essa sequência possa parecer ao público como estando fora de contexto, mas é importante ter em mente como a imaginação dos espanhóis havia sido estimulada por histórias das Amazonas. Johnson (1997) aponta como Díaz enfatizou na representação de Malinche “a não conformidade com as noções tradicionais de feminilidade” (p. 160, minha tradução)³⁹. Em contraste, o comportamento de Malinche é mais dócil, ou pelo menos violento, nas outras sequências em que aparece na série.

Ainda assim Malinche definitivamente não é uma mulher pura ou inofensiva na série. No sétimo episódio, Catalina, a esposa espanhola de Cortés, descobre que seu marido mantém relações com mulheres nativas e decide viajar a Iucatã para confrontá-lo. Cortés não quer decidir entre Catalina e Malinche, ou qualquer outra das mulheres nativas com as quais mantém relações. Catalina se sente devastada e vive um dilema: retornar a Castela e fingir ignorar a infidelidade do marido, ou denunciar Cortés e sofrer as consequências de sua queda. Malinche traiçoeiramente se aproveita dessa oportunidade e, fingindo estar tão desesperada quanto Catalina, tenta ganhar sua confiança. Malinche reclama que Cortés está possuído por um demônio e nunca está satisfeito. Ela reclama também que ele tem outras mulheres e ela aconselha Catalina a tomar alguma atitude. Posteriormente, Catalina discute com Cortés, ameaçando denunciá-lo à Coroa. Então, Cortés fica preocupado e começa a se embriagar. Malinche vê a sua oportunidade. Ela o manipula, atacando a sua maior falha de caráter, o orgulho. Ela o chama de deus e, então, pergunta se Cortés deixará que Catalina destrua tudo que ele construiu. E, então, ela se desnuda pela primeira vez na série e o seduz. Com o desdobrar dos eventos, Cortés assassina Catalina após uma discussão violenta. Essa representação intrigante de Malinche, enquanto atraente e traiçoeira, permite uma interpretação que a relacione com Coatlicue, a deusa serpente, a qual combinava aspectos positivos e negativos.

³⁹ “nonconformity to the traditional concepts of womanhood” (JOHNSON, 1997, p.160).

Apesar do poder advindo de sua sagacidade e sexualidade, Malinche⁴⁰ ainda está em uma posição vulnerável na série. Por exemplo, no quinto episódio, quando Cortés se aproxima enquanto ela está no rio, eles têm a primeira conversa íntima. Cortés lhe oferece proteção, mas Malinche se mostra cética. Ela diz que ela é uma escrava e, portanto, ela passa de mão em mão. Curiosamente, em sua última aparição na série, no oitavo episódio, o mesmo tema aparece. Cortés e Malinche estão na cama e ele diz a ela que ela deve se casar com um dos espanhóis subordinados a Cortés, jaramillo. Ela protesta: “Pensei que nunca mais iria passar de mão em mão” (CARLOS, 2015, tradução minha)⁴¹. Cortés tenta convencê-la de que é para o bem dela, para proteger sua condição como mulher espanhola. E, após esse diálogo, eles se beijam e se acariciam. Mas, quando a câmera se aproxima através de zoom até um primeiríssimo plano do rosto de Malinche, percebe-se que ela claramente não está convencida. Essa é uma sequência interessante que reforça algo que Malinche disse no sétimo episódio: que ela pertencia a Cortés, mas que Cortés não pertencia a ela. Em outras palavras, Malinche é representada como a figura da amante, aquela que, segundo Barthes (1991), está imobilizada pelo amor. Ela parece aderir ao mito moderno, de amor enquanto paixão. Por outro lado, Cortés não quer se comprometer. Ele possui muitas mulheres assim como possui muitas terras. E ele parece aderir não ao mito moderno, como Malinche, mas ao mito antigo. Em outras palavras, na nomenclatura de Paz (1961), ele é o *chingón*. Apesar de ser inicialmente representado como herói, Cortés na série gradualmente se torna mais e mais cruel e insaciável em sua busca por poder.

⁴⁰ Apesar de ser inicialmente chamada de Malinche na série, ela passa a ser chamada Marina posteriormente. Entretanto, seu batismo não é retratado.

⁴¹ “*Pensé que nunca más iba a pasar de mano en mano*” (CARLOS, 2015).

4. CONCLUSÃO

Nesse artigo, eu combinei as perspectivas teóricas de Brand (1995), Segato (2010), Reynolds (1957; 1965), Cypess (2000), Hernández (2002), Barthes (1978), Paz (1961), entre outros, para estabelecer o corpo nativo feminino como metáfora para o colonialismo e para o patriarcado, colocando essas diferentes vozes teóricas em diálogo para então poder estudar a representação de Malinche em dois poemas e uma série de tevê. Quanto aos poemas de Alegría (1993) e Tafolla (1993), é possível perceber que ambos são contra-argumentos, no sentido de que problematizam a representação de Malinche. Por um lado, Alegría (1993) representa Malinche como uma vítima da dominação masculina e colonial, sofrendo estupro e tendo uma gravidez não consentida. Em comparação, Tafolla (1993) representa Malinche como uma mulher sagaz, alguém que enxergava possibilidades além dos horizontes. A Malinche no poema de Tafolla (1993) decide cooperar com Cortés e se torna a sua amante, e de ninguém mais. Dessa forma, Tafolla (1993) representou Malinche como a mãe dos mestiços, mãe por opção. E, como Alegría (1993), Tafolla (1993) vai além da mera representação de Malinche como traidora ou como um emblema do Catolicismo. Enquanto contra argumentos, ainda que difiram em alguns aspectos, há um objetivo político em comum aos poemas de Alegría (1993) e Tafolla (1993): dar voz a Malinche e tornar possível que ela dê a sua versão dos eventos.

Quanto à série de tevê, Malinche apresenta uma intrigante dualidade. Ela é representada como enfurecida e dócil, maternal e sedutora, misericordiosa e traiçoeira, selvagem e nobre. Isso poderia ser entendido como um retorno simbólico ao estado de dualidade. Entretanto, tendo em vista que a série justapõe sequências de nudez, traição e o assassinato de Catalina, o efeito resultante aponta mais no sentido negativo do que positivo, quebrando, então, o aparente retorno à dualidade. Outra questão que critiquei é a marginalização do papel de Malinche como intérprete e confidente de Cortés, deixando toda a glória para o próprio invasor espanhol. Tal omissão pode ser devida a limitações de tempo. Porém, considero que as sequências de interações entre Astecas e Espanhóis poderiam ter

sido pensadas de melhor maneira, a fim de acomodar um papel mais significativo para Malinche. Outra omissão curiosa é relativa à mudança do nome Malinche para Marina, já que não há nenhuma sequência em que Malinche é batizada. Mas, por outro lado, a série apresenta um tema relevante acerca da limitada agência que as mulheres nativas tinham sobre seus próprios corpos. É claro que a série de tevê se destina provavelmente a uma audiência mais ampla, a qual não compartilha a motivação política do provável público dos poemas.

Quanto a sugestões para análises futuras, um projeto interessante seria de buscar narrativas nativas do período da invasão no México, tais como as recolhidas por Portilla (2008), e contrastá-las com as crônicas espanholas em termos da representação de Malinche, por exemplo. Outra possibilidade seria discutir como se relacionam os arquétipos femininos – Malinche, *La Chingada*, *La Virgen de Guadalupe* – na cultura mexicana contemporânea. Ainda outra possibilidade seria discutir a relação entre a metáfora cultural do *chingón* e a violência contra as mulheres no México de hoje. Finalmente, outra sugestão seria de investigar entidades nativas duais e ligadas à terra, tais como Coatlicue, e o processo de transformação que sofreram após as invasões europeias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRÍA, Claribel. “La Malinche”. **Fugues**. Connecticut: Curbstone Press, 1993.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- BARTHES, Roland. **A Lover’s Discourse: fragments**. New York: Hill and Wang, 1978.
- _____. **Mythologies**. New York: The Noonday Press, 1991.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film Art: an Introduction**. New York: McGraw-Hill, 2008. Print.
- BRAND, Dionne. **Bread Out of Stone: Recollections, Sex, Recognitions, Race, Dreaming, Politics**. Toronto: Coach House Books, 1995.
- CARLOS, **Rei Imperador**. Direção: Oriol Ferrer. Fotografia: David Azcano, Alfonso Segura. 17 capítulos, color. RTVE, 2015. Disponível em <

<http://www.rtve.es/alcarta/videos/carlos-rey-emperador/>. Acesso em 21 de abril de 2017.

- CYPESS, Sandra Messinger. **La Malinche in Mexican Literature: from history to myth**. Austin: University of Texas Press, 2000.
- GLANTZ, Margo. Doña Marina and Captain Malinche. In: Doris Sommer (org.). **Bilingual games: some literary investigations**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- GONZALES, Rodolfo. **I am Joaquín. Yo soy Joaquín**. New York: Bantam, 1972.
- HERNÁNDEZ, Cristina González. **Doña Marina (La Malinche) y la Formación de la Identidad Mexicana**. Madrid: Encuentro, 2002. Print.
- JOHNSON, Julie Greer. Bernal Díaz and the Women of the Conquest. In: David William Foster e Daniel Altamiranda (org.). **Writers of the Spanish Colonial Period**. New York: Garland Publishing, 1997.
- KARTUNEN, Frances. Making herself indispensable, condemned for surviving: Doña Marina. **Mexicolore**. 4 de março, 2011. Disponível em <http://www.mexicolore.co.uk/aztecs/spanish-conquest/dona-marina-part-1/>. Último acesso em 9 de agosto de 2017.
- PAZ, Octávio. **The Labyrinth of Solitude: Life and Thought in Mexico**. New York: Grove Press Inc, 1961.
- PORTILLA, Miguel León. **La Visión de Los Vencidos**. Mexico City: UNAM, 2008.
- REYNOLDS, Winston Allin. **Hernán Cortés in Heroic Poetry of the Spanish Golden Age**. Tese de doutorado. University of Southern Carolina, 1957.
- _____. Hernán Cortés y Las Mujeres: Vida y Poesía. **Nueva Revista de Filología Hispánica** v.18, n.3/4, p. 417-435, 1965/1966.
- SEGATO, Rita Lauro. Género y colonialidad: em busca de claves de lectura y de um vocabulário estratégico descolonial. In: Aníbal Quijano and Julio Mejía Navarrete (org.). **La Cuestión Descolonial**. Lima: Universidade Ricardo Palma, 2010.
- TAFOLLA, Carmen. La Malinche. In: . Diana Rebolledo and Eliana Rivero (org.). **Infinite Divisions: An Anthology of Chicana Literature**. Tucson: University of Arizona Press, 1993.

Apêndice

Poema I – “La Malinche”, de Claribel Alegría (1993).

1 Estoy aquí
2 en el banquillo de los acusados
3 dicen que soy traidora
4 ¿a quién he traicionado?
5 era una niña aún
6 cuando mi padre
7 es decir
8 mi padrastro
9 temiendo que su hijo
10 no heredara las tierras
11 que a mí correspondían
12 me condujo hacia el sur
13 y me entregó a extraños
14 que no hablaban mi lengua.
15 Terminé de crecer en esa tribu
16 les servía de esclava
17 y llegaron los blancos
18 y me entregaron a los blancos.
19 ¿Qué significa para ustedes
20 la palabra traición?
21 ¿Acaso no fui yo la traicionada?
22 ¿Quién de los míos vino a mi defensa
23 cuando el primer blanco me violó
24 cuando fui obligada
25 a besar su falo
26 de rodillas
27 cuando sentí mi cuerpo desgarrarse
28 y junto a él mi alma?
29 Fidelidad me exigen
30 ni siquiera conmigo
31 he podido ser fiel.
32 Antes de florecer
33 se me secó el amor
34 es un niño en mi vientre
35 que nunca vio la luz
36 ¿Qué traicioné a mi patria?
37 Mi patria son los míos
38 y me entregaron ellos.
39 ¿A quién rendirle cuentas?

40 ¿A quién?
41 decidme
42 ¿a quién?

Poema I – “La Malinche”, de Claribel Alegría (1993), tradução minha⁴².

1 Estou aqui
2 no banco dos réus
3 dizem que sou traidora
4 a quem eu traí?
5 era ainda menina
6 quando meu pai
7 quer dizer
8 meu padrasto
9 temendo que seu filho
10 não herdasse as terras
11 que eram minhas por direito
12 me conduziu ao sul
13 e me entregou a estranhos
14 que não falavam a minha língua.
15 Cresci em essa tribo
16 lhes servia de escrava
17 e chegaram os brancos
18 e me entregaram aos brancos.
19 O quê significa para vocês
20 a palavra traição?
21 Não fui eu traída?
22 Quem dos meus veio em minha defesa
23 quando o primeiro branco me violou
24 quando fui obrigada
25 a beijar seu falo
26 de joelhos
27 quando senti meu corpo
28 e minha alma em frangalhos?
29 Fidelidade me exigem
30 nem ao menos comigo
31 pude ser fiel.

123

⁴²Procurei seguir a capitalização do poema de Alegría (1993).

32 Antes de florecer
 33 secou em mim o amor
 34 é um menino em meu ventre
 35 que nunca viu a luz
 36 Que traí a minha pátria?
 37 A minha pátria são os meus
 38 E foram eles que me entregaram.
 39 A quem prestar contas?
 40 A quem?
 41 diga-me
 42 a quem?

Poema II – “La Malinche”, de Carmen Tafolla (1993).

1Yo soy la Malinche.

2My people called me Malintzín Tenepal
 3the Spaniards called me Doña Marina

4I came to be known as Malinche
 5 and Malinche came to mean traitor.

6they called me—*chingada*
 7 Chingada.
 8(Ha— ;Chingada! ;Screwed!)

9 Of noble ancestry, for whatever that means,
 10I was sold into slavery by MY ROYAL FAMILY—so
 11that my brother could get my inheritance.

12. . . And then the omens began—a god, a new civilization,
 13the downfall of our empire.

14 And you came.

15 My dear Hernán Cortés, to share your “civilization”
 16—to play a god, ... and I began to *dream* . . .

17 I saw
 18 and I acted.

19I saw our world
 20 And I saw yours

58 I saw a dream
59 and I reached it.
60 Another world.....
61 la raza.
62 la raaaaa-zaaaaa . . .

Poema II – “La Malinche”, de Carmen Tafolla (1993), tradução minha⁴³.

1Eu sou la Malinche.

2Meu povo me chamava de Malintzín Tenepal
3os espanhóis me chamavam de Doña Marina

4Fique conhecida como Malinche
5 e Malinche se tornou sinônimo de traição.
6eles me chamam de – *chingada*
7 Chingada.
8(Ha— ;Chingada! ;Ferrada!)

9 De ascendência nobre, seja lá o que isso quer dizer
10Fui vendida como escrava por MINHA FAMÍLIA REAL – para
11que meu irmão pudesse ter a minha herança.

12. . . E então os presságios começaram – um deus, uma nova civilização,
13a queda de nosso império.
14 E você veio.
15 Meu querido Hernán Cortés, para compartilhar sua "civilização"
16—para fazer papel de deus, ... e eu comecei a *sonhar* . . .
17 eu vi
18 e eu *agí*.

19Eu vi nosso mundo
20 E eu vi o seu mundo
21 E eu vi –
22 outro.

23E sim – eu lhe ajudei – contra o Imperador Moctezuma

126

⁴³ Procurei usar os itálicos nas mesmas palavras que Tafolla. O mesmo vale para a capitalização e o espaçamento.

24Xocoyotzín em pessoa.
25Eu me tornei Intérprete, Conselheira e amante.
26 Eles não conseguiam imaginar a mim negociando no mesmo nível
27 que você – então eles disseram que fui estuprada, usada,
28 chingada
29 ;Chingada!
30Mas eu vi o nosso mundo
31 e o seu mundo
32 e outro.

33Ninguém conseguia ver
34 Além de um mundo, nenhum existia.
35E você mesmo chorou na noite
36em que a cidade ardeu em chamas
37 e queimou seguindo as suas ordens.
38A cidade mais linda da terra
39 em chamas.
40Você desabou em lágrimas na noite em que você viu
41 a sua destruição.

42Minha terra natal ardia dentro de mim
43 (mas eu vi *outra*).

44Outro mundo -
45 um mundo ainda por nascer.
46E nossa criança nasceu ...
47 e fui imortalizada como *Chingada!*

48Anos depois, você levou nosso filho (minha querida
49criança mestiça do novo mundo)
50 para criar em seu mundo
51 Você *ainda* não via.
52 Você *ainda* não via.
53E a história iria me chamar
54 Chingada.

55Mas Chingada eu não fui.
56 Não fui enganada, ou ferrada, enm traidora.
57Pois não traí a mim mesma —
58 Eu vi um sonho
59 e eu o *alcancei*.
60 *Outro mundo*
61 la raza.

